

REFLEXÕES SOBRE A ONOMÁSTICA EM NOITE DE ALMIRANTE

Tatiana Alves Soares Caldas (CEFET / RJ)

tatiana_alves@uol.com.br

Noite de Almirante, conto machadiano integrante de Histórias sem data, narra a desilusão vivida pelo marinheiro Deolindo Venta-Grande, que, após passar dez meses em uma viagem de instrução, reencontra a amada Geneveva envolvida com outro, apesar das juras proferidas antes de sua partida. Ao rever os colegas, no dia seguinte ao encontro com Geneveva, Deolindo dissimula sobre a noite que teria passado com ela, para não revelar a traição de que fora vítima.

Além de explorar as grandes questões que perpassam a obra machadiana - inconstância, traição, interesses, ardis, num desnudamento da mediocridade humana -, Noite de Almirante revela-se primoroso ao resgatar uma das mais profícuas imagens do inconsciente coletivo: o mito de Ulisses e de Penélope.

A partir de elementos que apontam para uma inequívoca remissão à Odisseia, o presente estudo tem por objetivo verificar o modo pelo qual o narrador realista relê a epopeia clássica, lançando um olhar irônico e mordaz à sociedade do século XIX, valendo-se para isso de um dos mitos-chave do imaginário ocidental. Por meio de uma análise da onomástica - tanto na antroponímia como na toponímia - como reveladora da caracterização dos personagens e prenúncio do desfecho, nossa leitura estabelece o referido conto como um dos mais críticos no que tange à representação da hipocrisia da sociedade oitocentista.